

LUZ MATINAL

PERIODICO LITTERARIO, CHISTOSO E NOTICIOSO

Orgão da Sociedade União ás Lettras

ANNO I

Aracajú, 19 de Julho de 1882.

NUMERO 5

Luz Matinal.

Ao collega do «Deserido».

—Quem é que no meio da escravidão, que mancha a face do grande imperio brasileiro, tornando-o inferior ás outras nações do mundo civilizado, não sente a repugnancia, o horror e o desespero?

A escravidão, collega, não é couza que se descuta; é a mais triste instituição da humanidade; negra lei de nosso paiz que barbaramente arranca da alma da virgem captiva sonhos de felicidades, e da exausta fronte do mancebo a esperança! — levando ao espirito os soffrimentos dantescos.

E' justo pugnarmos todos juntos, sem hesitação alguma, sem nenhuma distincção, pela liberdade do homem — que tristemente se diz escravo!

A escravidão é horrivel. O dever que cada cidadão, rico ou pobre, forte ou fraco tem a cumprir perante a sua patria, quando geme, soluça e chora, como a nossa, é sempre um dever glorioso, não só na posteridade, como também no futuro. O seculo actual, na phrase dos grandes criticos, é o seculo das revoluções. Porém, o que tem feito o Brazil de agigantado e de grande?!

Vê a luz deslumbrante da gloria no futuro, vê o carro triumphal da civilização á correr para o apogeo do seu sonho, pela estrada da gloria, e sempre... sempre á conservar-se inanimado!..

Por isto brada o poeta: — Desperta estatua de Rhodes! Desperta Brazil.

O teu silencio incute pavor as brancas ossadas dos martyres da independencia, que dos seus frios tumulos, talvez solucem pela tua negra sorte!

—Abula-se a escravidão.

Sciencia

Clima

Clima é propriamente o espaço comprehendido nos mappas geographicos entre dois circulos parallelos ao equador; mas, por extensão, chama-se clima uma região em que a temperatura e as outras condições da atmospheria são pouco mais ou menos as mesmas.

Os climas exercem sobre o physico e o moral do homem uma influencia poderosa, que resulta dos effeitos simultaneos da luz do calor, da electricidade, da humidade, dos ventos, das produções e natureza do terreno, da posição dos lugares, da cultura das terras, e talvez de alguns agentes não conhecidos.

Sendo os climas relativos á situação respectiva do sol e da terra, poderão ser multiplicados indefinidamente, ou pelo menos marcados por cada grão de latitude. Mas admitindo-se semelhantes divisões, os phenomenos naturaes que lhe correspondem se poderiam trocar e confundir. Não se considerão por conseguinte senão tres climas principaes: quentes, temperados e frios. As regiões quentes são situadas entre os tropicos, isto é, 30° para o norte e sul do equador; os climas temperados estendem-se dos 30° ao 55° entre os tropicos e os circulos polares; e os frios dos 55° aos polos.

Adoptando estas tres grandes divisões, necessariamente arbitrias, a influencia do clima sobre o homem, e sobre todos os productos da natureza é mui profundamente marcada. Seria munto longo este artigo, se fosse preciso seguir esta observação debaixo do ponto de vista da historia natural, comparando os reinos animal, vegetal e

mineral de cada uma das tres zonas. Para me limitar ao que se percebe á primeira vista, lembrarei que as regiões intertropicaes offerecem os mais bellos quadros da natureza. A zona glacial, pelo contrario, privada do sol apresenta-se bastante mesquinha, quanto ás especies viventes que nella habitão.

E' maravilhoso para o naturalista ver a especie humana habitar desde o equador até os 75° de latitude.

Quando se reflecte que no primeiro destes climas o thermometro sobe até 35° e que no outro desce á 50° abaixo de zero, o que faz uma differença de 85°, não se pode deixar de confessar que a organização humana é de admiravel flexibilidade.

Os grãos de latitude não dão proporções de temperatura uniformes e constantes.

Assim, debaixo dos parallelos proximos ao equador, o calor varia apenas; entretanto que, a proporção que se marcha para a zona temperada e glacial, a differença thermometrica se faz sentir em distancia mais proxima. Perto do equador são precisos cinco e dez parallelos (550 a 1100 kilometros, ou 90 a 180 leguas) para ter um grão de menos nas temperaturas medias annuaes. Em França, um espaço de 90 leguas do sul ao norte dá um abaixamento thermometrico de 3°.

Depois do circulo polar, acha-se um grão de calor de menos por cada latitude nova.

Litteratura

Duas eras.

Ha na vida do poeta duas eras bem distinctas: uma, é a aurora

que sorri no céu doirado das illosões e delirios da mocidade; outra, o crepúsculo, a hora escura e tenebrosa da alma.

A idade dos deseseis annos é a aurora. O poeta tem a alma abar-ta às illusões, como uma flor que recebe o orvalho cristalino do céu; o poeta recebe da natureza uma grinalda de flores virgíneas, e um sorriso innocente—o sorriso do amor; o amor da gloriola... Fitando o astro do dia, que alevanta-se no horizonte trazendo a humanidade vida e alegrias, com a alma impregnada de candura e felicidades, escreve sobre o papel, que mais tarde orvalha com lagrimas! a maior parte do seus pensamentos, de suas rissonhas e puras esperanças do porvir. Seu coração palpi-ta em presença da placidez celestia; sua alma agita-se a sonhar com a gloria; sua lyra suspira tu-dó quanto lhe engrandece o espirito, quanto lhe ensina a imagi-nação...

A vida, nessa quadra, não é so-nho, é a innocencia, é a aurora no céu, é a brisa que cicia, é a na-tureza que cantal...

Ser poeta é ter o espirito aber-to às esperanças, é ter no coração um infinito de sentimentos oppos-tos, doces e attrahentes.

E o sol vai caminhando, e che-ga ao zenith.

A luz que projecta perpendicu-larmente sobre a terra, fal-o en-

carar de perto o meio em que vi-ve, fal-o meditar no lodaçal pesti-lento das conveniências sociaes.

E ahí vê o poeta a humanidade cega a rir dos espiritos bem for-mados, a correr atravez da honra, de tudo, atraz do apogéo inebriante do mundo o poder!...

O joven, então, fitando o infini-to, vê o sol, que esclarece, apenas, os cimos das altas montanhas, e a noite que, a pouco e pouco, vem desenrolando seu negro veo em re-dor da immensidão. O poeta des-crê! O scepticismo faz pender sua pallida fronte às rajadas impetuo-sas do mundo social; e, com a fron-te vergada, diz: «Massilon! só Massilon! comprehendeu o destino do genero humano.»

A unica realidade da vida é o tumulto; a materia é incompativel com a felicidade.

Um suspiro tristonho foge de seus labios, é a dor de dentro que o afoga; é a fria e desganhada des-crença que o mata!...

Quando, depois, a lua vem soli-taria passando nos plainos annileos dos céos, derramando sobre o ge-nero humano lagrimas de dores e de sandades, divisa das alturas celestiaes uma tosca lage, fria co-mo a estupidez, a cobrir um cor-po morto esquecido na solidão!

Talvez que a lua comprehenda como alguém, a realidade daquel-le e em presença do estado, gros-

seira cruz ali alçada, diga:—des-cança, poeta, eis teu destino!

J. P. S. LEITE.

A consciencia.

«Chaque homme a un milieu
«du cœur un tribunal ou il com-
«mence par se juger soi-même.»

Chateaubriand.

Consciencia! és a luz do espiri-to que aclara a rota escura do mal e resplandece a vereda florida do bem!

Quem mais do que tu impera sobre a alma humana?

Quem diz à virgem que entra-gue seu espirito ao Altissimo e horroriza-se do mundo, este bara-thro cruel?

Só tu, nas horas silenciosas da noute, incuti n'alma do assassi-no o arrependimento do mal que perpetrou; só tu, voando aos infi-nitos das amplidões, vem plantar no coração do homem uma segun-da prova da immortalidade d'alma, ao dizer de Chateaubriand!

Mas quem és tu que curvas a humanidade reverente sobre o al-tar de nossa alma?

Alguem responde:

«És o espirito de Deus fallando no coração do homem!»

A consciencia, disse mais um

FOLHETIM

A H Y

POR

J. P. S. LEITE

III

AMOR

Aoitin era, vamos repetir, um joven de vinte annos de idade, porte elegante, face queimada pelo ardente sol do equador e bastan-te intelligente. Na primavera da vida, na idade em que as illusões que suggere-nos a mente preci-sam d'um peito onde possam de-positar nossos delirios, d'um doce sonhar, nessa quadra tão encan-tadora, a fatal e infallivel lei da materia—a morte! veio gelar os membros de seu velho pai para sempre. Dura realidade. Nessa hora tristonha em que a vida

3 mingoase, como os brexolões d'uma lampada á apagar-se, nessa hora medonha, em que o pavor grita aos ouvidos uma phrase que em si concentra o nada humano—e-ternidade! —o moribundo velho chamou Aoitin ao pé de seu leito, e, com uma voz interrompida pe-las soluções que o suffocava, disse-lhe: Meu filho, a morte me cha-ma.

O meu destino eil-o cumprido n'este vai de lagrimas. Sinto que morro!

O mundo neste momento, nesta ultima hora de existencia para um mancebo como vós no fulgor da mocidade é um céu doirado, pla-cido e sublime.

Mas, continuou elle, para mim q' não tenho mais sonhos nem es-peranças iucante-me até pavor! Se vêdes esta lagrima rolar-me pela face é por vós que a verte mi-n'h'alma; por deixar-vos só, sem mãi, nesta quadra da vida.

Todavia, se souberes praticar

como teu velho pai, se fores docil aos conselhos de todos, acharás na casa do pai de Ahy um lugar de filho.

O moribundo calou-se; a fadiga e a ancia o matava. Aoitin consternado, tomando entre as suas a mão gelida e veneranda de seu pai, depoz n'ella um beijo, de joel-hos com grande veneração, e or-valhou-a de lagrimas. Duas ho-ras depois mais uma alma rece-bia da perfeita Justiça Divina a sua recompensa. Aoitin estava só no mundo, não tinha ao menos um peito á quem confessar podes-se os seus soffrimentos. A sua ju-ventude havia se transformado em verilidade, onde na vida só temos um unico futuro horroroso. —O sepuchro.

A tristeza o acabrunhava.

Decorridos quinze dias do pas-samento de seu pai, os quaes fo-ram para o moço quinze seculos, o pai de Ahy offereceu-lhe, em tes-temunho da amisade que dedicara

escriptor, oh! quão grande coisa é a consciencia, este reflexo da Providencia divina!

Eu te adoro.

Adoro-te porque só tu, mais do que tudo, me fallas d'uma vida real, d'um mundo não sonhado ainda pelo genero humano!

Tu asseveras á alma a sua immortalidade; o tumulto não é senão o marco que separa os dois mundos; um, cheio de contradicções, misérias e dores, outro, onde o justo recebe a recompensa dos seus actos neste mundo.

Eu te amo!

A immortalidade, a certeza divina d'outra vida melhor e eterna, é o que fortalece o corpo gelido do homem que atravessa a rota escabrosa da existencia, com lagrimas nos olhos, e desespero no coração.

A eternidade é o pedestal agigantado da sublime e santa religião d'Aquelle ser infinito, mais poderoso que as furias dos elementos, mais magostoso que a verdade, mais bello que a fé.

A gloria o que é!

Responderão os blasphemadores e desesperados:

—A gloria é para o materialismo o que a eternidade é para o espiritualismo!

A gloria o que é? pergunto.

A consciencia responde.

—A gloria é a illuzão da mate-

ria, um sonho cuja realidade é zero!

Consciencia! quem não te possui?

Qual a alma humana não devassada pelos teus luminosos raios da verdade?

Tu és para o espirito do justo a conselheira de sua paz; para o assassino, o tribunal horrroso que condemna a alma á guilhotina.

J. P. S. LEITE.

Meia noite.

No rouquenho campanario soa-meia noite!

Meia noite! hora de afflicção para os tristes, de recordação para os jovens que têm a alma cheia de luz, de fé, de crenças e esperanças!...

Meia noite... diz o pobre recluso, ao som das badaladas do mortuario bronze, que assemelha-se a estas horas, no silencio da noite, á pancadas n'um esquife!...

Meia noite... balbucia o malvado, comprimindo a fronte, como se dentro della ardesse uma brasa... como se a mão ensanguentada da consciencia projectasse descarregar o seu carteiro golpe sobre sua cabeça!...

E' a hora da tristeza e da saudade; do pranto e da afflicção: eu te saudol...

Te amo, porque traz-me á mente idéas grandes, porque te destinei a comparar as grandezas do Altissimo, d'Aquelle que por sua bocca nos diz: «Eu sou o Deus Todo Poderoso»; com a pequenez do genero humano que lançou ao mundo, dando-lhe toda a liberdade!

E' esta a hora da minha meditação. A hora em que fito o presente tristonho como os ultimos bruxoleios d'uma lampada prestes a morrer, e lembro-me do passado, da innocente aurora da minha vida, d'aquelle sonho da existencia, em que, recostado no colo da minha mãe, que jaz na eternidade, eu lhe fazia ingenuas perguntas, proprias daquela idade.

Oh! sonho doirado! que tão triste despertar! que mundo sem felicidade!

A vida, se é um sonho de venturas, limita-se á infantil.

Quando, depois desta triste despertar, eu perguntei á brisa que passava rumorejando... ao tufão empolado que rugia... ao mar que se encapelava cada vez mais... ao céu placido, sublime, doirado, que se descortinava á minha vista—por minha mãe; e tudo foi surdo á minha interrogação, quando, nem mesmo a terra que continhava em sua rotação, me respondia, e achei-me só no mundo, verti uma lagrima de saudade; e pegando na pena escrevi... não sei bem o que es-

ao author de seus dias um lugar, em sua casa, de filho ao nosso joven. Aoitin receon acceitar.

Muitas instancias, porem, e a lembrança de que lhe havia dito seu pai prestes a morrer, obrigaram-n'o a acceder.

Cinco annos decorreram e a criança contava desesete primaveras.

Foi nesta idade que, não correndo mais com a encantadora Ahy, filha de seu protector, já não só dedicava-lhe uma amizade de irmão, como mais outra coisa—o amor!

O amor abre uma nova era na vida. Aoitin já sorria-se; já desejava viver.

O amor é um firmamento estrellado, e cada astro que além fulgura, entre as nevoas da immensidão, como que nos aponta um futuro.

Elle a amava de veras, e louco, abraçado todo inteiro nas cham-

mas dos olhares negros da devolta criança, atreveu-se um dia a colher uma alvissima açucena e a offerecer-lhe.

Ahy recebeu-a com um sorriso nos labios; e salvando das ondas espessas de seus cabellos pretos um formoso botão de rosa, imitou-o! O moço estremeceu ao contacto de sua mão com a da joven.

No horisonte de seu futuro brilhava uma estrella—era Ahy, o unico ente que amava no mundo.

Decorridos mais alguns dias, da scena que narramos, no mesmo lugar do quintal onde tinham, pela primeira vez, confessado—se amarem ardentemente; onde tinham conversado pelos olhos, porque ha momentos em que a palavra é o menos que falla, no dito de Palhares, Aoitin disse-lhe: Te amo, Ahy; e me amas tambem?

A moça estremeceu; suas faces cobriram-se d'um vivo rubor.

O joven repetiu-lhe a mesma pergunta, accrescentando: A in-

certeza me mata, o amor me leva a sonhar com a felicidade.

A moça, pela segunda vez cravou seus bellos olhos no pavimento, e o novo silencio foi a resposta.

Aoitin empallideceu; aquelle silencio significaria um impossivel entre seus corações?

Aoitin dispoz-se e com a voz mais supplicante que interrogativa, repetio pela terceira vez a mesma pergunta, que exigia uma resposta,—ou a felicidade de Dante, subindo ao Paraizo, com Beatriz, ou a morte moral, mais horrivel que a physica.

Ahy arfou brandamente o seu seio moreno, abriu a bocca... e disse:

—Não sabes? p'ra que me forças a pronunciar a palavra—amor?!

(Continúa).

crevil! foi nesta hora, então, que a creança que sonhava tornou-se o homem investigador e cheio de temor a Deus!

Desde o dia fatal em que só achei-me no mundo, guardo uma hora para o meditar que conforta a matéria e a alma, a hora mais triste da natureza—meia noite!

E' por isso que eu a amo!

Mas, porque será que todos os viventes sentem tristeza a essa hora, e a qualificam de horrorosa?! Porque será que a natureza soluça um hymno de dor?

Silencio! eis tudo.

O homem, que é matéria, só pôde atingir a matéria, diz-me a consciencia. Todavia, ao fitarmos o palacio de Deus, todo illumina do... ao ouvirmos esta harmonia surda que entoa os cherubins do Senhor, nos espaços ethereos, o homem que pensa interroga a si mesmo: o que vejo? o que ouço? E a alma responde: Vedes as demonstrações de Deus no infinito, assim como no charco do nojento reptil ouves o hymno de louvor que disferem candidos cherubins!

E o homem ajoelha-se e rezal..

Ajoelha-se, pede a Deus a remissão de seus peccados, e quando Venus chora no espaço annileo, levanta a face humida de lagrimas.

Ajoelha-se e reza, porque acima delle reconhece um Ente grandilquo, e prompto para provar a sua existencia, deseja esmagar, se é possível, o materialismo que nethum proveito traz á humanida del..

Vêde, diz elle monologando com sigio mesmo: « Quem fez este infinito tão estrellado e puro?... essa brisa que ciciza?... essa lua, re tracto da tristeza, resvalando mansamente no espaço como o cysne sobre um tranquillo lago? Quem deu vida a tantos seres que existem dispersos pela natureza? »

E de novo levanta a fronte para o tetrico infinito, banhando-a na luz da aurora, que vem qual virgem innocente soltando suas lou ras madeixas sobre a immensidade e recebe uma mesma impressão agradável—Deus!

E' por isso que eu amo á noite, e fitando uma estrellinha no céu, supponho ser o olho do meu irmão que de lá me vigia nesse valle de lagrimas! Mais uma cousa suggera-me á imaginação! Ao lembrar-me do meu innocente e formoso

irmãozinho, que morreu, eu pergunto a minh'alma se a morte é melhor que a vida.

E ella, com uma voz imparante, diz-me que o mundo é um sonho; a eternidade, esta palavra que gela de terror o genero humano, é sempre preferivel á vida!

Lá reina a paz, no mundo o horror, o vicio, o lupanar horripilante e o delirio; e tudo isso não só mata o corpo como ennegrece a alma.

—Eu prefiro, Senhor, uma eternidade de ventura a um sonho de illusão!

A penna cae-me da mão...ouço o sino que bate novamente. E' uma hora da manhã. O astro do dia em breve percorrerá o zenith... Durmo.

Encontro

Quando eu cheguei — ella estava Debruçada n'uma mesa, E havia tanta lindeza Nos raios de seu olhar, Que eu pobre e todo magoado Fiquei—não sei se acanhado— Somento a pude abraçar.

Foi um delirio, meu peito Pulsava e pulsava tanto Que não sei se havia pranto Dos meus olhos no olhar: Apenas cheio de medo Pude fallar-lhe tremendo E ella então respondendo Acabou-me de matar.

E dizem que ainda existe Quem contenha o coração, Quando encontra um outro—irmão Que brinca quando este ri! Oh! eu não sei se é possível Se domar o pensamento, Quando se tem um momento De magestoso sentir!

Amar—é ter-se no peito Quem bula no coração: E' sentir louca paixão, E' chorar sem se querer; E' ter-se o craneo esmagado, Viver-se tambem contente, E as vezes—de repente— Chega amar-se até morrer.

10—7—1882.

C. S. A.

Logogripho

(Por letras)

Substantivo 9, 6, 8, 11, 10, 9, 6, 10, 5
Adjectivo 10, 11, 4, 10, 5, 4, 3, 5
Verbo 1, 5, 10, 9, 8, 9, 11, 4
Preposição 3, 10
Adverbio 11, 8, 2, 11, 6
Conjunção 6, 3
Interjeição 1, 7, 8, 11
Interjeição 7, 8, 3
Conjunção 6, 9, 10
Adverbio 10, 11, 6
Preposição 11
Verbo 4, 2, 10, 11, 4
Adjectivo 10, 2, 8, 8, 3, 6, 2, 10, 5
Substantivo 3, 8, 3, 10, 2, 3, 9, 4, 11

CONCEITO

Cidade bem conhecida
E de mui grande valor
A historia me apresenta
Coberta de sangue e dor.

J. V. Filho.

A decifração do do numero anteceden-
te é:—Presciliana.

ANNUNCIO

ASSIGNATURAS

NA CAPITAL

Mez 800
Folha avulsa 200

FORA DA CAPITAL

Semestre 5\$500

PAGAMENTOS ADIANTADOS.

A redacção da *Luz Matinal* aceita todos os artigos litterarios que lhe sejam enviados pelos assignantes, e os publicará gratuitamente, desde que os julgue convenientes.

Não se publicam artigos de politica.

A *Luz Matinal* se publicará quatro vezes por mez. Os pagamentos serão feitos depois de se publicar o primeiro numero de cada mez.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao escriptorio da redacção, em casa do sr. Horacio Martins de Almeida, rua da Aurora.

Typ. da «Gazeta do Ara-
caju» Rua de Itaporan-
ga numero 20.